

“Nesta praia lê-se Saramago” e outras alegrias que 2022 trouxe a Pilar del Río

José Riço Direitinho – 16 de novembro de 2022

As comemorações do centenário do nascimento de José Saramago iniciaram-se há exactamente um ano. Desde então, centenas de manifestações (exposições, concertos, espectáculos de ópera, teatro e dança, congressos e conferências) tiveram lugar um pouco por todo o mundo, e estenderam-se, claro, a Lanzarote, à agora casa-museu do escritor, com leituras, música e, esta quarta-feira, visitas guiadas durante todo o dia. Nos últimos dias, e também neste mesmo 16 de Novembro em que cumpriria cem anos, o Nobel da Literatura português será homenageado da Cidade do Panamá a Nicósia, de Nápoles ao Piauí, de Atenas a Rabat, de Bucareste a Utrecht. E também em Lisboa.

A Fundação José Saramago organizou um programa especial para o dia, que se inicia às 10h, hora em que milhares de alunos de escolas de Portugal, Espanha e outros países lerão excertos de romances do autor, num programa intitulado *Leituras Centenárias*. As actividades estendem-se à Azinhaga do Ribatejo, terra natal do escritor, onde será plantada a centésima árvore do projecto *100 oliveiras para José Saramago*. (...)

Em conversa com o PÚBLICO, Pilar del Río, presidente da Fundação José Saramago, faz um balanço das comemorações e nomeia algumas das actividades que mais a marcaram.

Como olha, em retrospectiva, para este ano de comemorações?

Maravilhada. Sabia que José Saramago chegava ao coração de muitos leitores por todo o mundo, que as suas obras eram estudadas e, em muitos casos, integradas nas formas de pensar e sentir de cada um. Mas não imaginava que o carinho fosse tão maiúsculo. Realmente converteu-se numa referência para muita gente que quer crescer em conhecimento e deseja que o conceito de humanismo não se perca. Lê-se Saramago por prazer de ler e também para se crescer como leitor.

O centenário tem sido assinalado um pouco por todo o mundo. O que destaca?

(...) Eu fico-me com os desenhos dos miúdos de Loulé, que até copiaram o logótipo do centenário, ou com o *slogan* da Feira do Livro de Las Palmas, “Saramago é fixe”, com a Feira do Livro de Guayaquil [no Equador], ou com a Teresa Salgueiro a cantar Camões numa fenda vulcânica em Lanzarote, ou com a passarola do Grupo ACERT, de Tondela, sulcando os céus frente à fundação. Fico com os alunos de Sines que agora mesmo estão na fundação e com as pessoas que escreveram em Conil, Cádiz, uma placa que dizia “Nesta praia lê-se Saramago” e deixavam os seus livros aos veraneantes para que estes percebessem o prazer de ler um clássico contemporâneo. (...)

Porque é que a obra de Saramago se mantém actual e continua a fazer sentido divulgá-la?

Porque José Saramago é um autor contemporâneo. Escreve sobre nós quando escreve o *Memorial [do Convento]* e as ânsias de voar, de vencer as guerras, de sair das pandemias e de que todo o céu seja música. Escreve sobre nós quando, em *O Ano da Morte de Ricardo Reis*, reflecte sobre o auge do nazismo e do fascismo na Europa e sobre a necessidade de se fazer algo mais que contemplar as guerras que vão cercando o coração do continente. Escreve sobre nós em *Ensaio Sobre a Cegueira* e quando trata de retratar a morte, ou quando diz, em *A Viagem do Elefante*, que não podemos atravessar a vida para morrer sem ter vivido, que a viagem tem de ter uso da razão e da consciência. Que não nos podem cortar as pernas, como fizeram ao elefante Salomão, que deixaram morrer de abandono. (...)

<https://www.publico.pt/2022/11/16/culturaipilon/entrevista/prai-lese-saramago-alegrias-2022-trouxe-pilar-del-rio-2027853>